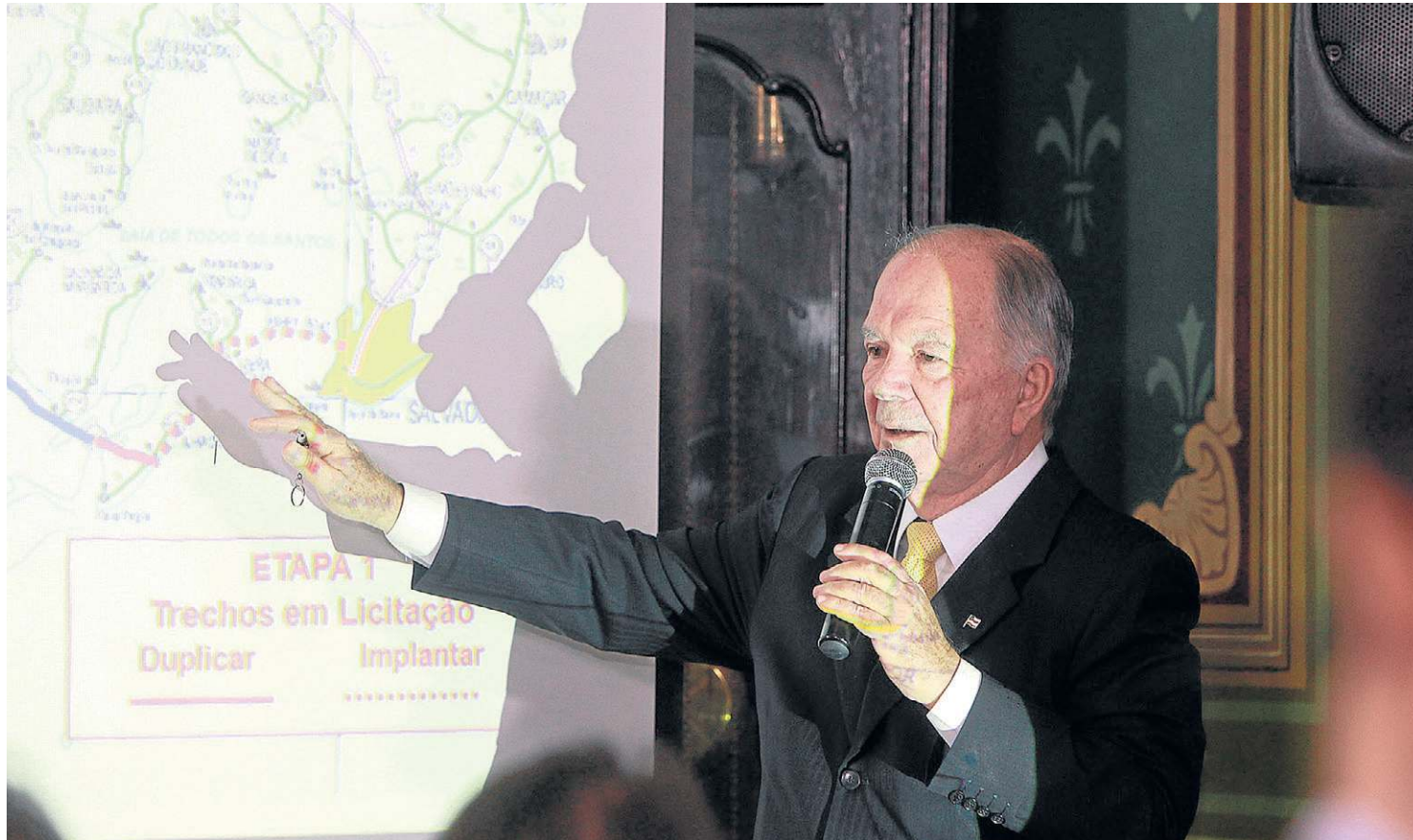


ELEIÇÕES

Vice-governador João Leão se sentiu preterido por não assumir governo até o fim do atual mandato e deve fechar chapa ao Senado com ACM Neto, do União Brasil

Mateus Pereira/GovBA



Nos bastidores, comenta-se que traição a Leão foi para não deixar PP, que apoia o presidente Bolsonaro, com a chave do cofre

PP desfaz parceria de 14 anos com o PT-BA

O PP decidiu desembarcar da gestão do governador Rui Costa (PT) na Bahia. Vice-governador do estado, João Leão entregou, ontem, uma carta ao petista na qual pede exoneração do comando da Secretaria de Planejamento (Seplan). Outros secretários do partido devem fazer o mesmo, e a sigla vai traçar um cronograma para entrega de cargos no segundo e terceiro escalões.

A tendência é Leão selar aliança com o ex-prefeito de Salvador, ACM Neto (União Brasil). O vice-governador deve ser candidato ao Senado na chapa de ACM Neto, que fez o convite a ele na semana passada. Com a saída do PP do governo baiano, chega ao fim uma parceria de 14 anos do partido com o PT — cuja base perdeu quatro

deputados federais (Cláudio Cajado, Cacá Leão, Ronaldo Carletto e Mário Negromonte Junior) e oito estaduais (Nelson Leal, Eduardo Salles, Antônio Henrique Jr, Robinho, Luiz Augusto, Niltinho, Aderbal Caldas e Dal).

“Após amplo debate e consultas às lideranças progressistas, decidimos, por unanimidade, nos afastar da aliança atual e buscar outros caminhos onde possamos continuar trabalhando pelo povo baiano (...). Quero ressaltar que nos 14 anos de aliança com os governos do PT, jamais faltou da nossa parte lealdade, dedicação, apoio parlamentar e espírito público”, disse Leão, em nota que justificou o rompimento.

O desembarque do governador Rui Costa foi definido em reuniões com deputados federais

e estaduais, que deram apoio ao rompimento. Presidente nacional licenciado do PP, o ministro da Casa Civil, Ciro Nogueira, também foi um dos principais incentivadores da saída do partido da base petista.

Desistência

O rompimento ganhou forma quando o senador Jaques Wagner (PT-BA) desistiu de concorrer ao governo. Com isso, um novo arranjo foi desenhado, com o senador Otto Alencar (PSD-BA) como pré-candidato ao governo, e Costa entraria na disputa pelo Senado. O governador, então, deixaria o governo, em abril, para Leão tocar a atual gestão até o final.

O arranjo começou a ruir, porém, quando Otto decidiu não

ser candidato a governador e o PT optou por lançar a pré-candidatura do secretário de Educação, Jerônimo Rodrigues, ao governo. Nesse cenário, Costa ficará no mandato até o fim e Leão perde a chance de comandar o estado. A decisão do PP foi encarada como descumprimento de acordo e desrespeito dos petistas ao partido.

Nos bastidores, setores do PT viam com receio a possibilidade de Leão assumir o Executivo. Base do governo de Jair Bolsonaro, a sigla teria a chave do cofre do quarto maior colégio eleitoral do país nas mãos, em plena campanha de reeleição do presidente da República. A desconflança intensificou as pressões internas do PT por candidatura própria na Bahia.

MBL diz apoiar Moro, mas existem fraturas

» MARIA EDUARDA ANGELI*

O MBL garantiu, ontem, que seguirá apoiando a candidatura presidencial de Sergio Moro (Podemos). Mas isso não quer dizer que o movimento está integralmente fechado como o ex-juiz. Nos bastidores, há muita insatisfação com ele por causa do episódio envolvendo o deputado estadual Arthur do Val — que por causa de um áudio sexista retirou a pré-candidatura ao governo de São Paulo e ainda foi rejeitado pelo próprio Moro.

Por meio de nota, o MBL buscou passar unidade em relação ao presidencialismo. “Mantemos nosso apoio a Sergio Moro e sobreviveremos a este festival de inverdades que tenta nos destruir. A prova maior disso é a pronta retirada da candidatura de Arthur para que esta não afetasse o pleito de Moro”, salienta o movimento.

“Não houve rompimento com Moro, permanecemos firmes na candidatura dele. A despeito de todo o ocorrido, o projeto de candidatura dele é importante, é um projeto de país. Há necessidade de construção da terceira via e nós seguimos firmes como sempre nessa construção, que é representada na figura do Sérgio Moro”, assegurou o vereador de São Paulo Rubinho Nunes (Podemos), advogado do MBL.

Segundo o deputado Kim Kataguiri (União Brasil-SP), “estamos firmes com Sérgio Moro e seguiremos com ele até o final”. Segundo a assessoria do MBL, a pressão



Permanecemos firmes na candidatura dele. A despeito de todo o ocorrido, o projeto de candidatura dele é importante, é um projeto de país.”

Trecho da nota do MBL

contrária a Moro seria chefiada por alguém do “baixo escalão”, que “não representa a liderança, nem reflete a opinião do MBL”.

Fontes da campanha de Moro e do movimento teriam identificado um grupo ligado a Renan dos Santos, coordenador do MBL, que teria ficado inconformado com a reação aos áudios de Arthur do Val — que considerou exageradas e que visam apenas destruir a candidatura do deputado e facilitar o retorno de representantes da velha política ao cenário eleitoral. Inclusive, circulou nas redes sociais um vídeo no qual Renan comparece a um debate do MBL e faz agressiva defesa do parlamentar — com direito a xingamentos. Ele até arremessou uma caneca que estava sobre a mesa.

* Estagiária sob a supervisão de Fabio Grecchi

Sergio Dutti/divulgação



Reação de Moro ao áudio de Do Val incomodou setores do MBL

PSDB luta para manter Leite

» TAINÁ ANDRADE

O PSDB ainda luta para manter o governador gaúcho Eduardo Leite em seus quadros. De acordo com fontes do próprio partido, há a possibilidade até mesmo de um acordo para que ele seja apresentado como o nome da legenda para a corrida presidencial, substituindo o governador de São Paulo, João Doria — que, apesar de ter vencido as prévias, no ano passado, vem apresentando um modesto resultado nas pesquisas de intenção de votos.

A ideia não é somente evitar que Leite troque o ninho tucano pelo PSD, mas que seja lançado à corrida presidencial pelo partido de Gilberto Kassab e

mostre mais consistência eleitoral do que Doria. O deputado federal e presidente do PSDB-RS Lucas Redecker se reunirá com o governador nos próximos dias para ter uma conversa que classifique como definitiva.

“O perfil do Eduardo é justamente o que se busca no Brasil: uma pessoa que governa para todos, não se preocupa só com um lado, se diferencia dos mais radicais”, elogiou Redecker.

A equipe de Leite confirmou que ele ainda não decidiu o rumo que tomará. Fontes ligadas à Executiva Nacional do PSDB reiteraram que os tucanos tentam argumentar com o governador que a saída dele pode não ter o efeito positivo que imagina.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br



Lula confirma Alckmin de vice e teme reeleição de Bolsonaro

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) confirmou, ontem, que vai mesmo convidar o ex-governador de São Geraldo Alckmin para ser o vice na sua chapa à Presidência, a despeito das resistências do PT e de partidos de esquerda que o apoiam, como o PSol. Alckmin deve se filiar ao PSB para consolidar a aliança, independentemente da disputa entre o ex-prefeito Fernando Haddad (PT) e o ex-governador Márcio França (PSB). O lançamento da chapa deve ocorrer em meados de abril. O líder petista tem dito que os descontentes com a aliança devem procurar outro candidato.

Apesar de ser o líder absoluto nas pesquisas de opinião, Lula está preocupado com a resiliência do presidente Jair Bolsonaro, do qual vem mantendo uma distância em torno de 10% das intenções de votos, segundo as pesquisas. Para quem já participou de muitas eleições, perdeu três e ganhou duas, essa diferença é muito pequena para se sustentar o adversário. O “já ganhou” petista não fez a cabeça de Lula. Avalia que Bolsonaro ainda tem a possibilidade de se reeleger, porque sua candidatura parece ter um lugar garantido no segundo turno.

Lula ancora sua candidatura na militância de esquerda, no recall de seu governo (2003-2010) junto às parcelas mais pobres da população e na ojeriza à Bolsonaro de parte da classe média. O presidente da República também tem uma relação consolidada com os mundos rural, que migrou para as cidades do interior; evangélico, com o qual tem identidade do ponto de vista dos costumes; e com os setores reacionários, que idealizam o antigo regime militar e defendem uma espécie de ditadura do Executivo.

Essa polarização está inviabilizando o surgimento de uma candidatura da chamada “terceira via”. Por mais que tente ampliar sua campanha, o ex-governador Ciro Gomes (PDT) não consegue ocupar esse espaço porque é contingenciado por Lula, à esquerda, e ao mesmo tempo muito identificado com a esquerda para conquistar os eleitores de centro. Situação diametralmente oposta é a do ex-juiz Sergio Moro, que não está conseguindo penetrar no eleitorado bolsonarista como imaginava e, por causa do perfil conservador, também enfrenta resistência até mesmo de setores liberais.

O fracasso “nem nem”

Num encontro aparentemente promissor, domingo, em São Paulo, os presidentes do PSDB, Bruno Araújo, do MDB, Baleia Rossi, e do União Brasil, Luciano Bivar, com participação da senadora Simone Tibet (MS), firmaram um pacto para apoiar uma candidatura única, a ser definida entre maio e junho. O encontro contou com o apoio velado do governador de São Paulo, João Doria, que já manifestou a intenção de ter a senadora como vice. A emedebista não tem nada a perder, porque pode até consolidar sua candidatura como alternativa, em caso de desistência de Doria. A ideia dos três partidos, por hora, é formar uma coligação, na qual o Cidadania também participaria como coligado, por ter aprovado uma federação com o PSDB.

Entretanto, no campo da chamada “terceira via” falta uma definição: a filiação ou não do governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, ao PSD de Gilberto Kassab. Os dois estão para ter uma conversa definitiva hoje. O tucano gaúcho foi derrotado por Doria nas prévias do PSDB, que deixaram feridas não cicatrizadas. Uma ala do partido, liderada pelo deputado Aécio Neves (MG), tenta convencê-lo a permanecer na legenda, na expectativa de que Doria acabe desistindo de concorrer. Outra ala, encabeçada por Tasso Jereissati e José Aníbal, apoia sua intenção de se desligar da legenda para ser candidato, porém, namora a candidatura de Tebet.

Esses candidatos juntos não chegam a 20% de eleitorado. Sem um mínimo de convergência, ninguém chegará ao segundo turno. Na prática, a “terceira via” está se estreitando muito. Não é capaz de viabilizar uma alternativa, porém impede uma vitória de Lula no primeiro turno.

O embate entre Lula e Bolsonaro se estabelece, principalmente, no plano econômico, onde o desempenho do governo do petista foi muito superior, não importa se deixou o governo anabolizado. No plano político, é um confronto ideológico radicalizado, do tipo esquerda x direita, que os setores moderados da sociedade não aceitam. O terceiro plano é o da ética, que deixou de ser uma prioridade para os eleitores, mas ainda é uma variável que pode decidir a eleição.

O PLANO DA ÉTICA DEIXOU DE SER UMA PRIORIDADE PARA OS ELEITORES, MAS AINDA É UMA VARIÁVEL QUE PODE DECIDIR A ELEIÇÃO À PRESIDÊNCIA